

DIALOGANDO SOBRE A VIDA E A OBRA DE MANUEL CORREIA DE ANDRADE: ENTREVISTA COM THAIS DE LOURDES CORREIA DE ANDRADEGerlane Gomes da Rocha¹
Rodrigo Dutra Gomes²

Resumo: A presente entrevista foi realizada como parte de um projeto de pesquisa de iniciação científica (PIBIC/UFPE/CNPq) sobre o geógrafo pernambucano Manuel Correia de Andrade. A professora entrevistada, Thaís Correia de Lourdes Andrade, é para além de filha de Manuel Correia de Andrade, uma pesquisadora da vida e obra desse geógrafo, tendo linhas de pesquisa focadas nos seguintes temas: Nordeste brasileiro, pensamento geográfico, questão ambiental e questão regional. Essa entrevista, de caráter semiestruturado, foi realizada em formato virtual no dia 15 de julho de 2021. Foram apontamentos sobre a trajetória acadêmica e pessoal de Manuel Correia de Andrade dentro da lógica histórica, política e espacial do seu tempo, bem como os ciclos intelectuais nos quais esteve inserido e as suas principais influências teóricas. Pode-se notar a partir do que foi discutido que Manuel Correia de Andrade desenvolveu um pensamento geográfico crítico, que, fomentado por acontecimentos pessoais e influências teóricas, problematizou a tradição social, econômica e territorial do Nordeste de forma vanguardista, à frente de debates escritos de sua época.

Palavras-chave: Geografia. Manuel Correia de Andrade. Nordeste.

DIALOGUE ABOUT THE LIFE AND WORK OF MANUEL CORREIA DE ANDRADE: INTERVIEW WITH THAIS DE LOURDES CORREIA DE ANDRADE

Abstract: This interview was carried out as part of a research project for scientific initiation (PIBIC/UFPE/CNPq) on the Pernambuco geographer Manuel Correia de Andrade. The teacher interviewed, Thaís Correia de Lourdes Andrade, is, in addition to being the daughter of Manuel Correia de Andrade, a researcher of the life and work of this geographer, having lines of research focused on the following themes: Brazilian Northeast, geographic thinking, environmental issue and regional issue. . This semi-structured interview was held in virtual format on July 15, 2021. There were notes on the academic and personal trajectory of Manuel Correia de Andrade within the historical, political and spatial logic of his time, as well as the intellectual cycles in which it was inserted and its main theoretical influences. It can be noted from what was discussed that Manuel Correia de Andrade developed a critical geographic thought, which, fostered by personal events and theoretical influences, problematized the social, economic and territorial tradition of the Northeast in an avant-garde way, ahead of written debates of his time.

Keywords: Geography. Manuel Correia de Andrade. Northeast.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciências Geográficas, Recife, Brasil, gerlanegomesrocha@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-0746-4150>

² Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciências Geográficas, Recife, Brasil, rodrigo.dutragomes@ufpe.br, <https://orcid.org/0000-0001-6452-3933>

DIÁLOGO SOBRE LA VIDA Y LA OBRA DE MANUEL CORREIA DE ANDRADE: ENTREVISTA CON THAIS DE LOURDES CORREIA DE ANDRADE

Resumen: Esta entrevista fue realizada como parte de un proyecto de investigación de iniciación científica (PIBIC/UFPE/CNPq) sobre el geógrafo pernambucano Manuel Correia de Andrade. La profesora entrevistada, Thaís Correia de Lourdes Andrade, es, además de hija de Manuel Correia de Andrade, investigadora de la vida y obra de este geógrafo, teniendo líneas de investigación centradas en los siguientes temas: Nordeste brasileño, pensamiento geográfico tema ambiental y tema regional. Esta entrevista semiestructurada se realizó en formato virtual el 15 de julio de 2021. Se anota la trayectoria académica y personal de Manuel Correia de Andrade dentro de la lógica histórica, política y espacial de su época, así como los ciclos intelectuales en los que se insertó y sus principales influencias teóricas. Se puede notar de lo discutido que Manuel Correia de Andrade desarrolló un pensamiento geográfico crítico, que, fomentado por hechos personales e influencias teóricas, problematizó la tradición social, económica y territorial del Nordeste de manera vanguardista, por delante de lo escrito debates de su tiempo.

Palabras-clave: Geografía. Manuel Correia de Andrade. Noreste.

INTRODUÇÃO

A presente entrevista foi elaborada como parte integrante do projeto de iniciação científica (PIBIC/UFPE/CNPq) desenvolvido entre 2020 e 2021 que contou com o seguinte título “O Nordeste de Contrastes: a geopolítica em Manuel Correia de Andrade”. Essa pesquisa objetivou realizar um exame epistemológico da discussão geopolítica sobre a espacialidade nordestina nesse autor, analisando aspectos da sua trajetória espacial, principais influências teóricas e contribuições para a geografia.

Destaca-se que a entrevista foi realizada com a prof^a.dra. Thaís Correia de Lourdes Andrade que é uma estudiosa dessa temática e filha de Manuel Correia de Andrade. Possui Licenciatura em Geografia pela Universidade Católica de Pernambuco (1970) e Bacharelado em Geografia pela mesma instituição (1984). Realizou mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (1982) e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2018) com o seguinte tema “Vida e obra de Manuel Correia de Andrade: caminhos percorridos na Geografia e contribuições aos estudos regionais e ambientais”. Atualmente é professora do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco (DCG-UFPE). Suas linhas de pesquisas são: Manuel Correia de Andrade, Nordeste brasileiro, pensamento geográfico, questão ambiental e questão regional.

Em relação ao tipo de entrevista buscou-se atender ao modelo semiestruturado que possui um caráter mais fluido possibilitando o desencadeamento de outras ideias que surgem naturalmente no andamento da entrevista. Dessa forma, mesmo com a criação de um roteiro prévio não ocorreu o engessamento do debate. A entrevista foi realizada em 15 de julho de 2021 de forma virtual devido ao cenário da pandemia do COVID-19.

Nesse sentido, a presente entrevista tem como objetivo proporcionar uma discussão diversa sobre a vida e a obra de Manuel Correia de Andrade, dando enfoque para o contexto no qual a sua produção, atuação acadêmica e vida pessoal estiveram inseridas. Com isso, as questões elencadas levaram em conta o panorama espacial, histórico e político do qual Manuel Correia de Andrade fez parte, tendo assim, a finalidade de ampliar as discussões sobre esse geógrafo pernambucano que contribuiu para o desenvolvimento da ciência geográfica e dos estudos regionais referentes ao Nordeste brasileiro.

ENTREVISTA COM THAIS DE LOURDES CORREIA DE ANDRADE

Entrevistadores - Como foi o posicionamento político e militante de Manuel Correia de Andrade durante o Estado Novo e posteriormente na Ditadura Militar, até que ponto isso influenciou a visão dele sobre o Nordeste?

Ele sempre chamou atenção que a sua inserção na política, no movimento político, ocorreu desde o momento em que entrou na Faculdade de Direito (Recife), onde firmou as suas ideias e leituras que já vinha fazendo a algum tempo. Inclusive cita a leitura de Gilberto Freyre, autor que ele começou a ler desde os 14 anos. Na faculdade de direito foi representante, por mais de uma vez, do diretório acadêmico onde atuou com os demais colegas no movimento contra o Estado Novo e contra Getúlio Vargas. Devido a isso, participou de uma manifestação que ocorreu num bar na cidade de Recife, o lero lero, onde queimaram a bandeira do Brasil, gerando grande repercussão. As consequências desse ato vieram no outro dia.

No dia seguinte a esse fato os estudantes marcaram uma manifestação que terminaria em um comício no Diário de Pernambuco, na qual estavam também seus familiares e pessoas que transitavam pela rua observando a movimentação. Essa passeata chegou em frente à pracinha do Diário de Pernambuco. Contudo, em determinado momento na sacada de um prédio se ouviu um tiro e nesse tiro caiu um

dos estudantes, o Demócrito de Souza Filho. Faleceu o Demócrito e nesse movimento também faleceu um homem do povo, um carvoeiro, que estava no meio dessa passeata. Estavam lutando pela redemocratização do país quando se deu essas mortes.

Posteriormente durante o golpe militar, Manuel Correia, sempre se identificou como uma pessoa de esquerda, participava politicamente, mas não no sentido de ocupar cargos, pois nunca teve essa intenção. Apesar de que na família vários parentes ocuparam cargos a começar pelo seu pai que era advogado. No período do governo estadual de Miguel Arraes foi convidado para ser o coordenador superintendente do Grupo Executivo da Produção de Alimentos (GEPA). Esse grupo passou a atuar levando o crédito ao pequeno produtor rural e também a assistência técnica e a orientação para comercialização da produção agrícola. O GEPA, junto com o Movimento de Cultura Popular (MCP), realizava idas ao interior da Zona da Mata e do Agreste para orientar os agricultores, recebia também um crédito repassado pelo Governo através do Banco do Estado de Pernambuco (BANDEPE) além do crédito vindo do Banco do Brasil. O GEPA viveu enquanto não houve o golpe militar, pois uma vez tendo ocorrido o golpe militar, Arraes saiu do poder e esse órgão foi extinto

Devido a isso, Manuel Correia de Andrade voltou para a universidade, para os colégios particulares nos quais lecionava e para o Ginásio Pernambucano. Mas, Manuel Correia tinha ligações com o professor Pierre Monbeig, da escola francesa, e Monbeig diante da movimentação política que estava acontecendo, das perseguições e de pessoas que estavam indo para o exílio o convidou para que fosse à França fazer um curso e proferir palestras. Manuel Correia aceitou o convite e passou um período na França, onde conheceu os professores Jacques Boudeville e Perroux. Interessou-se tanto pelo trabalho desenvolvido por Boudeville que estudava a questão das regiões homogêneas quanto pelo de Perroux que estudava três tipos de regiões: a região plano, a região homogênea e a região polarizada, tendo essa última chamado a sua atenção.

Nesse período fez cursos nessa área e o seu desejo sempre foi o de aplicar a teoria dos polos de desenvolvimento quando chegasse ao Brasil. Assim que retornou foi chamado pelo governador de Pernambuco da época, Nilo Coelho, que estava querendo fazer uma regionalização administrativa para o governo. Manuel

Correia até chegou a fazer tal estudo de regionalização administrativa, mas esse era difícil no momento da sua implementação, porque nas regiões administrativas sempre tem uma cidade/um núcleo que dentro da região tem uma importância maior, exerce influência maior sobre os municípios que estão ao entorno. Nesse ponto surge a questão da política: “quais e quantas regiões você identificou?”, “quais são as cidades que comandam cada região dessa?”, foi-lhe perguntado, então foi mencionado, porque Petrolina não era uma cidade pólo. Acontece que o governador era de Petrolina, e Petrolina não tinha sido sede de uma dessas regiões devido às suas características. Por causa disso, como normalmente ocorre, o documento não foi implementado. Dessa forma não foi formulada essa regionalização administrativa que na realidade só veio acontecer bastante tempo depois por meio das regiões de desenvolvimento de planejamento do Governo do Estado de Pernambuco que temos atualmente.

Além disso, no regime militar, Manuel Correia chegou a ser preso junto com um professor que exerceu muita influência sobre ele, o professor Amaro Quintas, que era historiador. Eles conversavam muito e Amaro Quintas lhe passou as ideias marxistas que defendia. Então a questão política foi essa.

Entrevistadores - Em relação a essa regionalização do estado de Pernambuco, que foi implementada mais tarde nos anos 2000, teve alguma influência dos trabalhos de Andrade?

Não. Essa regionalização foi implementada mais recentemente foi inclusive no governo de Eduardo Campos. Manuel Correia não trabalhou nesse projeto de regionalização. Nota-se que quando mudam os governos, o gestor maior faz algumas mudanças, que muitas vezes, são apenas nas nomenclaturas. Ao comparar, por exemplo, as duas regionalizações que foram feitas, uma no Governo de Eduardo Campos e a outra no Governo de Paulo Câmara se percebe algumas diferenças, mas são diferenças nos municípios que estão incluídos, às vezes, as duas regiões foram incorporadas e passaram a formar uma só e são mudanças nesse sentido.

Foi perguntado anteriormente também até que ponto o período da ditadura militar influenciou a visão de Manuel Correia sobre o Nordeste. Essa preocupação dele com o Nordeste é algo presente nos seus estudos e nos seus livros didáticos, sempre focando na questão do Nordeste físico, do Nordeste humano e do Nordeste

econômico. O que ele via nesse Nordeste, que era tanto do seu interesse, para além do fato dele ser nordestino, mas também, como ele sempre disse, por que o Nordeste era uma região pouco conhecida, pouco estudada, era uma região que tinha sempre aquela visão por parte de muitos como sendo uma "região problema", a "região da seca". O Nordeste não era visto na sua realidade.

Manuel Correia tinha também uma grande preocupação com a questão da estrutura agrária. Dizia que essa estrutura agrária concentrada é que atravancava todo o processo de desenvolvimento da região, gerando em função disso uma má distribuição de renda que refletiria e que reflete na qualidade de vida das pessoas. Então ele tinha uma ideia de mudança desse quadro e que essa mudança só poderia ser feita no momento em que se trabalhasse esse contexto agrário.

A partir disso, Manuel Correia chega à região Nordeste definida no livro "A terra e o homem no Nordeste" (1963). No momento em que Caio Prado Júnior teve a ideia de trabalhar as várias regiões brasileiras no sentido da sua estrutura agrária, da sua distribuição de renda e das condições existentes, pensou em convidar professores das diferentes regiões para escreverem sobre elas. Assim, em um determinado momento Caio Prado veio a Recife e fez esse convite para que Manuel Correia de Andrade trabalhasse o Nordeste. Esse livro seria editado pela Editora Brasiliense, que era de propriedade de Caio Prado Júnior. Manuel Correia aceitou de imediato e o livro foi escrito no período de muita turbulência, pois já se estava no início da década de 1960, onde se lutava por mudanças estruturais, mudanças de base no país e isso refletia também em que estava trabalhando e estudando nessa realidade brasileira. O livro foi escrito e a sua primeira edição saiu em 1963, sendo que o golpe veio em março de 1964.

Esse livro foi banido das universidades e das prateleiras das livrarias por ser considerado como subversivo, e era na ideia das pessoas que o tiraram das prateleiras, porque Manuel Correia em "A terra e o homem no Nordeste" (1963) faz um estudo agrário diferente dos estudos da Geografia Agrária feitos anteriormente, porque inseriu determinadas temáticas que não eram abordados, a exemplo dos modos de produção, a questão das relações de trabalho, a questão da concentração fundiária e a luta dos trabalhadores por melhorias de vida. Neste livro, na primeira edição se tem um capítulo que versava sobre o movimento das ligas camponesas, por exemplo. Por conta disso, passou a ser considerado um livro subversivo até na

própria academia, chegando ao ponto de alguns não o considerarem como sendo um livro de Geografia, porque “geografia não tinha que se envolver com a política”, entrando em questão nesse caso as visões diferentes da geografia. Acho que o livro foi audacioso no sentido de trabalhar questões que eram políticas, e que ele sabia que não seriam bem aceitas na própria academia da qual fazia parte. Contudo, Manuel Correia não se preocupou com isso, inclusive dizendo que “A terra e homem no Nordeste” não era um livro de geografia apenas, era um livro de sociologia, era um livro de antropologia e de economia.

Entrevistadores- Manuel Correia falava sobre esse movimento que gerou a morte de Demócrito de Souza?

Sim, pois Demócrito era seu colega de turma portanto foi um evento que marcou ele. Isso ocorreu em março de 1945.

Entrevistadores- Manuel Correia de Andrade nasceu em que ano?

Ele nasceu em 1922

Entrevistadores- O Pierre Monbeig o chamou para França antes ou depois dele ter sido preso?

Depois, Manuel Correia foi preso em 1964 e foi para a França em 1966.

Entrevistadores- Foi uma das primeiras pessoas que foram presas...

Manuel Correia trabalhava o camponês e só de se falar nesse termo ocorria uma grande repercussão. Eram três superintendentes, Manuel Correia era o superintendente presidente e os outros dois eram o administrativo e o financeiro. Manuel Correia foi preso em casa e nós imaginamos que isso fosse acontecer porque sempre tinha carros de polícia ou pessoas estranhas rondando o quarteirão, já que também morava na esquina o cunhado de Miguel Arraes que era superintendente da CRC. Em frente à minha casa tinha uma praça onde os carros ficavam sempre parados, a gente sabia que mais cedo ou mais tarde algo iria acontecer e foram presos os dois, o superintendente da CRC, cunhado de Arraes, e o Manuel Correia.

Entrevistadores- Quanto tempo Manuel Correia de Andrade ficou preso?

Foram uns quatro dias, mas ele sempre dizia que não tinha apanhado, que não tinha sofrido nenhum tipo de violência, nem ele e nem os demais que estavam

na cela que eram colegas ou conhecidos seus, inclusive como já mencionei, o Amaro Quintas. Mas tem aquela história “Chegou mais um”, “Prenderam fulano” portanto isso era algo que emocionalmente falando lhe trazia angústia.

Entrevistadores- Quando ele conheceu o Amaro Quintas já havia escrito “A Terra e o homem no Nordeste”?

Sim, até porque ele escreveu “A terra e o homem no Nordeste” em 1962 e a obra foi publicada em 1963. Eles ensinavam no ginásio pernambucano que era o Colégio Estadual de Pernambuco, então eram colegas de colégio

Entrevistadores- Em alguns momentos do livro “O fio e a trama: depoimentos de Manuel Correia de Andrade” (ARAUJO, 2022), Manuel Correia relata que não chegou a ser exilado que era mal visto pelo governo e por conta dessas influências dos conhecidos que ele tinha acabou indo para França.

Ele não foi forçado a ir embora pelo Governo, mas é aquela história como a situação estava fervendo e a cada dia era informado que alguém iria ser preso ou que tinha sido solto e preso novamente ... e também porque Monbeig já havia antes disso tudo chamado ele para passar uma temporada na França. Manuel Correia ficou relutante por conta da família, contudo quando veio o golpe militar ele disse que iria. Nesse período Pierre escreveu para ele novamente “eu acho que agora chegou o momento de você vir”.

Entrevistadores- Quanto tempo ele passou na França?

De 6 meses a 1 ano.

Entrevistadores- Então no período de chumbo e no AI-5 ele já estava aqui no Brasil?

Sim, estava.

Entrevistadores- Que intelectuais, políticos, professores, etc, estavam presentes no ciclo de afinidades (intelectuais, amigos, ativistas, políticos) de Manuel Correia de Andrade?

Ele sempre se reportou ao Caio Prado Júnior como sendo o seu mestre. Já durante a época da faculdade de direito teve influência do Gilberto Freyre, quando tinha 14 ganhou do pai o livro “Casa Grande e Senzala” isso fez com ele lesse outros livros do Gilberto. Na faculdade de direito, Gilberto Freyre era contra o Estado Novo, por conta disso, Manuel Correia se aliou a ele e a outras pessoas que

também faziam parte desse movimento pela queda do Getúlio e pela redemocratização do país. Sofreu influência do próprio Amaro Quintas e dos professores de fora também, como o professor Araújo Filho e o professor Aziz Ab'Saber. Além da influência de Gilberto de Osório, não das suas ideias, mas sim porque Manuel Correia foi seu assistente logo quando ingressou na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Entrevistadores- E as produções conjuntas?

Sim, haviam produções conjuntas. Logo no início quando Manuel Correia entrou na universidade, o Instituto Joaquim Nabuco (hoje Fundação Joaquim Nabuco) estava interessado em fazer um estudo sobre a poluição dos cursos de água do Nordeste. Por conta disso, Manuel Correia participou junto com Gilberto Osório de pesquisas de campo e publicações sobre a poluição dos cursos de água do Nordeste pelos resíduos industriais das usinas. Participou também com Mário Lacerda nos anos 70 e 80 de uma regionalização do Nordeste. Manuel Correia fez o primeiro volume dessa coleção que no seu caso era exatamente a regionalização do Nordeste em função da variável econômica, esses livros estão presentes no NAPE (Núcleo de Apoio à Pesquisa e Ensino) do Departamento de Ciências Geográficas (DCG) da UFPE. Vários professores do DCG: Gilberto de Osório, Rachel Caldas Lins, Mário Lacerda, Manuel Correia, Marlene ficaram responsáveis por essas publicações. Manuel Correia tinha a regionalização maior, identificou essas subáreas ficando responsável pelo sistema canavieiro e o Mário Lacerda pelo Agreste. Eles tinham seus pontos de vista políticos e ideológicos distintos, mas trabalharam juntos no DCG, na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e na Superintendência para o desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), sendo nesses dois últimos órgãos em pesquisas.

Entrevistadores- Inicialmente pode-se notar uma influência da abordagem regional Vidaliana em Manuel Correia de Andrade, como se deu a mudança desse cenário para uma metodologia mais crítica? Ou sempre houve interligação entre essas?

Ele leu livros e sofreu influência de Paul Vidal de La Blache e dizia que a região era um dos componentes principais da Geografia. Na Geografia regional, assim como La Blache, procurava identificar, delimitar e limitar a região, no caso a região Nordeste, e sob esse espaço, trabalhava os elementos humanos, econômicos e sociais. Recebeu influência também do Cholley e como sabe-se a regionalização

de Cholley é diferente da feita por Ricchieri, pois já admitia que não se podia conceber uma região sem a presença do homem, sem a organização humana. Desse modo houve influência de La Blache, contudo a concepção de região em Manuel Correia de Andrade se modifica com as transformações do pensamento geográfico ao longo do tempo. Em determinada ocasião ele passa a ver essa região não mais de forma individualizada, mas sim relacionada com o nacional, ou seja, a relação do Nordeste com o mundo. O próprio La Blache via que a região não poderia ser pensada de forma isolada, pois tinha as suas próprias conexões com outras áreas. Nesse sentido, Manuel Correia passa de uma Geografia tradicional para uma Geografia mais radical e mais preocupada com o social em si, com as questões do ser humano e da própria sociedade, começa assim a fazer essa Geografia mais crítica.

Entrevistadores- Em qual período essa passagem para uma mais Geografia Crítica ocorre?

Ao meu ver no livro “A terra e homem no Nordeste” (1963) ele já fazia uma Geografia Crítica.

Entrevistadores - A partir da influência de Cholley, Manuel Correia, passa a observar o Nordeste em termos tanto econômicos, que ele já vinha tratando, mas também, dentro dessa perspectiva mais crítica das relações de trabalho problematizadas pela questão agrária. Podemos dizer com isso que André Cholley foi um marco nesse sentido do Manuel Correia de Andrade “sair” dessa Geografia Clássica, um pouco mais pragmática, para uma Geografia Crítica?

Acredito que sim. A partir daí Manuel Correia passa a se preocupar com o conjunto, pois naqueles trabalhos que ele fez sobre os rios do açúcar, o rio Mamanguape, o Coruripe, Jequiá e São Miguel, já fazia as suas análises levando em conta esse aspecto. O Vidal de La Blache, por exemplo, também se preocupou com a questão humana e com a questão histórica, mas não deixou de ser um naturalista. Quando Manuel Correia entrou na universidade e foi convidado para fazer esses trabalhos inseriu nessas discussões as variáveis humanas e econômicas, com isso mostrando que a poluição hídrica era causada pelo despejo dos rejeitos das usinas e das indústrias que existiam nas bacias desses rios por ele estudados. Assim, ao inserir a questão humana demonstrou que esse problema era gerado em função do grande número de usinas que se tinha ao longo da bacia e que

isso poderia ser resolvido desde que o poder público, os próprios proprietários de terra e os empresários tivessem interesse nisso. Manuel Correia começou na universidade como assistente do professor Gilberto de Osório que era da Geografia Física, assim trabalhou inicialmente com Geografia Física e só posteriormente deixou de ser assistente.

Desde muito cedo Manuel Correia se preocupou com a questão social e com a questão do trabalhador, pois ele era um menino de engenho e por esse convívio percebia as diferenças que existiam em relação a casa onde morava e o acesso aos bens materiais que os trabalhadores do engenho e os seus filhos possuíam. Ele ia para o colégio, inicialmente estudou em vivência, em Recife e quando retornava para o engenho os meninos eram os mesmos, não tinham oportunidades e não frequentavam a escola. Isso afetava ele porque o filho do senhor de engenho “tinha e podia” e o filho do trabalhador não tinha acesso às mesmas coisas. A partir desse momento passou a perceber as diferenças de mundo que existiam, inicialmente as diferenças que existiam no seu espaço vivido e posteriormente em outros ambientes. Esse processo foi um embrião de uma preocupação que veio a se concretizar no momento que ele teve de fato condições de fazer algo para mudar essas situações.

Além disso, o livro “Espaço, polarização e desenvolvimento” de Manuel Correia de Andrade é excelente, inclusive indico para os meus alunos, pois é possível perceber nele a evolução do conceito de região. Uma dessas definições era justamente a do Cholley. Neste livro Manuel Correia passa pelos diversos conceitos da região como as de Ricchieri, Cholley, Perroux e Kayser.

Entrevistadores- Qual é a importância da regionalização do Nordeste feita por Manuel Correia de Andrade no livro “A terra e o homem no Nordeste”? Nesse livro ele regionaliza o Nordeste em sub-regiões, existe algum pioneirismo nessa análise? Como isso pode ter influenciado outros trabalhos?

Manuel Correia sempre teve interesse em estudar o Nordeste. No livro “A terra e o homem no Nordeste” ele já inicia discutindo o conceito de Nordeste de forma diferenciada, mesmo havendo uma definição oficial do IBGE outras instituições adotaram conceituações diferentes para a regionalização do Nordeste também. Ele via esse Nordeste como um todo e salientava as suas diferenças regionais, bem como as individualidades que existiam nas cinco regiões brasileiras:

Nordeste, Norte, Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Ainda chamava a atenção para o fato de que apesar do Nordeste ser uma região era na realidade um “mosaico de paisagens” e uma “região de contraste”, contraste por exemplo entre uma região úmida, a Mata, subúmida, o Agreste e semiárida, o Sertão. Identificou também nessa regionalização que no Noroeste do Maranhão existia uma área que tem características muito mais amazônicas do que mesmo nordestinas, refletindo com isso o porquê de apesar dessas características tal área ter sido definida pelo IBGE como parte do Nordeste. Nesse caso entra o problema da delimitação das regiões, as regiões são delimitadas a partir das unidades político-administrativas, então mesmo que a unidade político-administrativa tenha em seus espaços áreas semelhantes a uma outra região ela ainda será vista como um todo. Com isso a delimitação de toda e qualquer região enfrenta esse problema. Essa região do Noroeste Maranhense apesar da presença da floresta amazônica, de rios caudalosos e de uma ocupação diferente do Nordeste não foi colocada como sendo da Amazônia.

Nessa regionalização em Mata, Agreste e sertão Manuel Correia buscou identificar áreas dentro do Nordeste que tivessem características mais ou menos semelhantes em termos das condições naturais, das condições humanas e das condições socioambientais. É importante destacar também a variável histórica que está muito presente no livro “A terra e o homem no Nordeste” e em outros trabalhos de Manuel Correia, visto que, como sendo geógrafo e historiador sempre ressaltou a importância da história, concordando com o termo “tempo trípico” cunhado por Gilberto Freyre que dizia que a realidade hoje está ligada ao passado e influenciará o futuro.

Nesse livro foi trabalhada inicialmente essa questão da região Nordeste como um todo e posteriormente identificando essas sub-regiões que às vezes ele também denomina de regiões. Essa regionalização é ao meu ver importante porque identifica o que é Nordeste, pois mesmo sendo uma região o Nordeste é diferente em seus vários aspectos. No sentido da ocupação, por exemplo, ocorreu a ocupação do litoral e da mata com a cana de açúcar. Somando-se a isso, a exploração dessas subáreas também é feita de forma diferente. No Agreste subsumido se tem uma atividade agrícola diversificada e a atividade pecuária difundida nesse espaço é diferente da presente no Sertão. Já no Meio-Norte ocorre o domínio da carnaubeira, principalmente do Babaçu, a carnaubeira se estende também por áreas do Sertão,

dos vales dos rios do Ceará e do Rio Grande do Norte. Desse modo deve-se ter uma visão do todo, mas é importante que se tenha também um conhecimento das partes que formam esses fatores que em si se complementam. Foi a existências desses contrastes no Nordeste que estabeleceram essa divisão.

O professor Hilton Sette na década 1940 participou do concurso para fazer parte do quadro docente do Ginásio Pernambucano e naquele período era exigida uma prova oral e a apresentação de uma tese, para tanto ele fez um estudo regional sobre Pernambuco. Nesse estudo também identificou a região do litoral mata, a região do Agreste e a região do Sertão que até os dias de hoje ainda são trabalhadas, sendo chamadas de Zona da Mata, Zona do Agreste e Zona do Nordeste.

Entrevistadores- O livro "A terra e o homem no Nordeste" recebeu muitas edições, a senhora pode falar um pouco sobre esse processo?

Normalmente os autores quando escrevem os seus livros fazem algumas alterações que são uma forma de atualização do que foi escrito, acrescentando ou suprimindo temáticas e capítulos a nova edição que está sendo realizada. Inclusive o texto sobre as Ligas Camponesas foi retirado do livro "A terra e o homem no Nordeste" na 2º ou 3º edição, retornando na 4º edição não como capítulo, mas como anexo. Então existem essas mudanças. Agora em termos das delimitações das regiões nas várias edições são as mesmas. Contudo, só a Guiana Maranhense talvez não tenha entrado em algumas das edições. Mas quando chega a 7º edição, Manuel Correia, apesar de diferenciar, estuda de forma conjunta o Meio-Norte e a Guiana-Maranhense dando atenção, porém às suas características distintas.

Como exemplo pode-se citar a questão do Rio São Francisco, nas primeiras edições é feita uma abordagem sobre a agricultura de vazante e sobre as primeiras represas que surgiram, já em outras edições ocorre algumas atualizações devido às modificações ocorridas nesse espaço, na foz do São Francisco se tinha as chamadas lagoas de arroz que por causa da construção de barragens deixaram de existir pois foram inundadas. Assim, não surgem outras demarcações de regiões, sendo a própria dinâmica espacial o fator que leva a mudanças dentro dessas sub-regiões.

Entrevistadores- São modificações que devem ser feitas ao longo do tempo até

porque a questão da região é dinâmica...

A parte do sul do Maranhão e do Piauí é totalmente diferente hoje em dia em função do avanço de pessoas para essas áreas a fim de cultivar a soja e outros produtos por vistas à exportação. Em 1963 não se tinha esses aspectos, a realidade era outra. Por isso a necessidade de se ter o trabalho sempre atualizado e Manuel Correia atualizou bastante esse livro. Ele dizia que “A terra e o homem no Nordeste” lhe rendeu dois prêmios, o primeiro foi a cadeia e o segundo foi o reconhecimento nacional e internacional. Inclusive Wagner Costa Ribeiro (USP) chama a atenção em uma das suas análises que o livro “A terra e o homem no Nordeste” veio antes da própria inserção do marxismo na Geografia nacional.

Entrevistadores- Manuel Correia de Andrade estudou o Nordeste sob diversos enfoques, mas desses separamos três: a interferência política no espaço nordestino, o subdesenvolvimento regional e a reforma agrária. Como você vê cada um desses aspectos na obra de Andrade?

Essa questão da interferência política é muito bem observada a partir da leitura do livro “A terra e o homem no Nordeste”. Havia os proprietários de terra, mas eles sempre estavam ligados a partidos políticos e eram defendidos por pessoas desses partidos, assim a interferência política no espaço nordestino sempre existiu, não é coisa de hoje, sendo sempre favorável ao lado mais “forte”. Um exemplo já citado aqui foi a regionalização proposta por Manuel Correia para o Estado de Pernambuco que não foi colocada em prática porque a cidade natal do Governador da época não tinha sido beneficiada. Inclusive houve interferência política em 1964 quando o GEPA ia para determinados municípios da Mata e do Agreste tinha os chamados coronéis que muitas vezes dificultavam o trabalho que era feito por esse órgão.

O subdesenvolvimento regional também foi um dos pontos que chamou atenção de Manuel Correia de Andrade para trabalhar o Nordeste. Ele sempre distinguiu o crescimento do desenvolvimento. Dessa forma o desenvolvimento envolvia o homem e o crescimento era só o aumento do produto gerado. O subdesenvolvimento seria com isso o produto do próprio desenvolvimento mal feito. Essa ideia também era defendida por Josué de Castro. Quando o desenvolvimento beneficia grupos específicos dentro da sociedade gera os desníveis regionais e os desníveis de renda entre outros grupos que quase sempre são os grupos maiores quantitativamente. Por esse desnível se formam outros relacionados à renda, ao

acesso à educação, ao saneamento básico e à saúde. O Brasil então não é um país desenvolvido, tanto que quando os economistas criaram a partir da década de 1970 uma série de indicadores para analisar o desenvolvimento dos países foi criado também o termo "em desenvolvimento". O Brasil estaria nesse grupo juntamente com outros países da América Latina como México e Argentina. Segundo esse pensamento hoje certos países estariam na condição de subdesenvolvidos, mas posteriormente passariam para a situação de em desenvolvimento e depois atingiriam o desenvolvimento. Só que analisando as nações do mundo não se encontra nenhuma que tenha saído dessa categoria para o patamar do desenvolvimento. Em si, o subdesenvolvimento é produto desses desníveis que existem dentro de uma mesma sociedade.

Em relação a questão agrária Manuel Correia defendeu sempre a necessidade de uma reforma agrária e boa parte dos seus livros tratavam sobre este assunto. Para ele, a questão agrária era diferente da questão fundiária porque a questão fundiária diz respeito às propriedades da terra e ao proprietário da terra. Enquanto que a questão agrária é mais ampla, a estrutura fundiária está contida na questão agrária, mas além dela se tem a parte de crédito, de assistência técnica, de comercialização e de uma série de outros itens que precisam ser vistos e ser objeto de atuação do poder público. Essa reforma agrária teria que ser feita não em cima da estrutura fundiária, mas sim da estrutura agrária porque não era só dando terra ao trabalhador que o problema estava resolvido. É necessário possibilitar a assistência técnica, a tecnologia e os insumos etc para que se possa manejar a terra.

Essa reforma agrária de fato foi objeto de estudo de Manuel Correia, ele disse uma vez que se sentia um homem realizado, mas não totalmente porque aquele Brasil que ele queria com a população tendo direito a uma série de benefícios, que não tem por conta do poder econômico, aquele país com tantas terras onde poderia ser feita uma reforma agrária, não se concretizou. O país continua pobre, continua com terras subaproveitadas ou/e não aproveitadas, os próprios projetos que às vezes recebem o nome de projetos de reforma agrária estão atuando na parte da propriedade sem a parte do crédito, da comercialização e dos insumos fatores que dão condições para que o homem maneje a terra e tire dela a sua sobrevivência não só do ponto de vista da sua alimentação e da sua família como também da

possibilidade de vender o excedente no mercado local.

Entrevistadores- Qual foi a influência teórica e docente de Manuel Correia de Andrade no desenvolvimento do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco? Em termos de livros estes eram referenciados?

Se os livros dele eram adotados ou não como referência inicialmente, por exemplo, não posso afirmar porque eu não estava presente no período. Só entrei no departamento quando fui fazer o meu mestrado em 1980 e entrei como professora em 1994.

Entrevistadores- Manuel Correia de Andrade já dava aulas em 1980?

Em 1980 ele ministrava aulas no Ginásio Pernambucano e na Universidade Federal de Pernambuco. Inclusive durante o mestrado ele me deu aulas juntamente com professores como Mário Lacerda e Rachel Caldas Lins. Agora referente ao tempo que estou na UFPE posso dizer que as obras deles são adotadas pelos professores, a exemplo dos livros “Espaço, polarização e desenvolvimento”, “A terra e o homem no Nordeste”, “Modernização e pobreza” etc, além dos artigos que também são utilizados. No período anterior quando eu ainda não estava na UFPE a questão política e ideológica influenciou muito nas relações pessoais e em outros fatores e devido a isso Manuel Correia pediu para ir para o Departamento de Economia na década de 1960 e fundou o mestrado de economia. Com isso, não teve durante essa época ligação com o Departamento de Geografia. Já nos anos de 1970 foi convidado a voltar para a Geografia.

Nesse processo de retorno ele cria o mestrado de Geografia (3º a ser criado no Brasil) e passa a ensinar na Geografia. Quando se aposentou foi chamado por Gilberto Freyre para dirigir o Centro de Estudos de História e Documentação (Cehibra) da Fundação Joaquim Nabuco e passou anos e anos fazendo esses estudos, levou as suas pesquisas do CNPq para a Fundação Joaquim Nabuco e ficou trabalhando no centro. Ao sair desse cargo é chamado para voltar já aposentado para a Universidade assumindo a cátedra Gilberto Freyre que passou a coordenar. Também trouxe diversos alunos da geografia e da sociologia para trabalhar com ele em pesquisas, fazendo seminários e participando de eventos científicos. Começou a dar aula no Programa de Pós-Graduação em

Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), até 2007, ano do seu falecimento.

Entrevistadores- Em relação a biblioteca pessoal de Manuel Correia de Andrade, como ela foi parar na USP?

Não ocorreu uma mobilização da UFPE para ver essa questão da biblioteca com a família depois que Manuel Correia faleceu. Já a Universidade de São Paulo (USP) realizou esse contato, acima de tudo o que a família queria era a preservação da memória de Manuel Correia e que os seus documentos não se perdessem. Claro que se fosse para ficar na Universidade Federal de Pernambuco seria ótimo pois foi a casa dele e alguns dos seus filhos tem vínculo com essa instituição, mas como comentei não houve nenhuma procura. O reitor da Universidade Rural de Pernambuco (UFRPE) procurou a família também para que a biblioteca ficasse lá, a família aceitou, contudo, essa universidade não tinha estrutura para comportar o acervo já que eram 4 mil livros. Ainda houve um projeto para a construção de uma biblioteca que teria o nome de Manuel Correia de Andrade, esse prédio devido a repasses de verbas e outros fatores passou também por problemas estruturais. Por conta disso, a minha irmã sugeriu que eu retomasse as negociações com a USP, assim voltei a conversar com a equipe responsável que tinha a frente o Paulo Iumatti com quem entrei em contato. Também fui a São Paulo na época. Após isso eles vieram buscar a biblioteca. Já visitei a biblioteca depois que essa foi instalada e lá se tem muito cuidado e manutenção até porque os materiais são bastante antigos. A família também queria um local que aceitasse todo o material, os livros, os diplomas, os certificados, as medalhas que ele recebeu, cartas e fotos. Em si um acervo muito grande foi levado para São Paulo.

Entrevistadores- Professora Thais Correia, agradecemos pela sua disponibilidade e pelas respostas enriquecedoras que auxiliarão na construção da nossa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Manuel Correia de Andrade produziu ao longo da sua trajetória acadêmica um pensamento geográfico crítico preocupado com as causas sociais, políticas e econômicas da Região Nordeste. Com destaque para categorias como a questão agrária, o subdesenvolvimento regional e a interferência política no espaço nordestino. Somando-se a esses aspectos, também trouxe para a discussão

acadêmica da Geografia problemas sociais antes não representados, como as questões trabalhistas camponesas, os conflitos por terra e o modo de produção capitalista na questão agrária do Nordeste brasileiro.

Com isso, apontava como solução desses dilemas uma reforma agrária que modificasse as estruturas sociais e possibilitasse alternativas para o pequeno produtor, como créditos agrícolas e a capacitação técnica, sendo a sua obra "A terra e o homem no Nordeste" (1963) um fator precursor na reflexão dessas temáticas. Alinhado a essas perspectivas se estabelece o seu legado no âmbito do ensino, onde atuou como professor da educação básica e superior auxiliando na construção e desenvolvimento de programas de pós-graduação em geografia e em economia na Universidade Federal de Pernambuco. Além da sua atuação em órgãos como a FUNDAJ e a SUDENE, bem como sua participação ativa em movimentos e projetos políticos. Apresentou-se, assim, um panorama diverso sobre a vida e a obra de Manuel Correia de Andrade, fornecendo com isso direcionamentos que podem servir de embasamento para futuras pesquisas sobre esse geógrafo.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Gerlane Gomes da Rocha - Concepção. Realização da entrevista. Transcrição. Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

Rodrigo Dutra Gomes– Concepção. Realização da entrevista. Transcrição. Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY-NC](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, sem uso comercial e desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 02-05-2022

Aprovado em: 15-07-2022